REVOLUÇÕES
DO SÉCULO 20

Matilde Zimmermann

A Revolução Nicaragüense

Direção da Coleção
EMÍLIA VIOTTI DA COSTA

2. A Revolução Cubana e a Formação da FSLN

Por volta de 1958, muitos nicaragüenses estavam com os olhos voltados para os acontecimentos em Cuba. Alguns se sentiam empolgados, e outros, assustados. A intensificação das guerrilhas anti-Batista em Sierra Maestra aliada ao fato de o presidente Luis Somoza ter suspendido o estado de sítio, imposto após o assassinato de seu pai, serviram de inspiração e oportunidade para a retomada de vários tipos de ações da oposição. Os ativistas da Universidade Nacional aproveitaram sua recém-conquistada autonomia universitária para organizar a primeira greve nacional estudantil, na história do país, em outubro de 1958, e o primeiro congresso de estudantes secundaristas, em dezembro do mesmo ano. Trabalhadores portuários de Corinto, em greve, receberam o apoio dos sindicatos e dos estudantes. A luta pelo direito dos índios à terra, na comunidade semi-urbana de Subtiava na costa do Pacífico, conflito que já se arrastava havia anos, explodiu enfim em demonstrações de larga escala com a ocupação de terras. A velocidade com que as operações da guerrilha se desenvolviam nas diversas regiões da Nicarágua, no início de 1959, demonstra que já havia contatos e troca de segredos, antes mesmo de 1º de janeiro de 1959, data da vitória em Cuba, o estopim para a Nicarágua.

Os dois Somoza, um no palácio presidencial, outro no quartel-general da Guarda Nacional, certamente observavam com ansiedade o colapso do exército e do governo de Fulgêncio Batista. Fazia décadas haviam-se estabelecido fortes elos entre Batista em Cuba, Somoza pai e o terceiro poderoso apoiado pelos Estados Unidos, Rafael Trujillo, presidente da República Dominicana. Os três ditadores tinham até mesmo certa semelhança física.

Quando o governo de Batista caiu, a oposição burguesa na Nicarágua encampou a vitória e abraçou o jovem advogado que a havia liderado, mesmo seus pares em Cuba tendo pouco ou nenhum papel no processo. Os políticos da oposição lideraram demonstrações em Manágua, entoando "Viva Cuba Livre" e "Viva Fidel", enquanto o jornal conservador *La Prensa* aclamava o "triunfo definitivo da causa redentora do herói Fidel Castro, defensor da bandeira da justiça e da democracia". Sem dúvida, os conservadores acreditavam que a guerrilha cubana, após derrubar militarmente o presidente Batista, entregaria o poder político aos partidos da oposição já estabelecidos. Duas décadas mais tarde, alimentariam a mesma ilusão acerca da FSLN.

Carlos Fonseca

Assim como seus pares por toda a América Latina, dezenas de jovens nicaragüenses foram para Havana nos primeiros meses após a revolução. Entre eles, Carlos Fonseca Amador, um líder estudantil de 22 anos, membro do Partido Comunista da Nicarágua.

Filho de uma lavadeira pobre e solteira, Carlos Fonseca cresceu na cidade montanhosa de Matagalpa, em cujas encostas plantava-se café. Sofrera na pele as profundas distinções de classe da sociedade nicaragüense provinciana, nos anos 1940 e 1950. Sua mãe, Augustina Fonseca, cujos cinco filhos eram de pais diferentes, era tratada com desdém pelas matronas da classe média de Matagalpa, enquanto seu pai biológico, Fausto Amador, administrador de importantes empreendimentos de Somoza, era o patriarca de uma das mais ricas e poderosas famílias da região.

Na adolescência, Carlos já dava sinais de sua capacidade como líder, fundando e editando uma revista cultural estudantil, organizando grupos de alunos secundaristas para atividades políticas em Matagalpa e Manágua, e tornando-se ainda presidente da organização estudantil logo após o ingresso na Universidade Nacional, em León. Severo e carrancudo, estava longe de ser o líder estudantil mais carismático da Nicarágua,

no entanto se tornou o mais influente de todos, despertando intensa lealdade em seus seguidores. No final dos anos 1950, Fonseca era o líder estudantil mais conhecido do partido comunista que, na Nicarágua, se chamava Partido Socialista da Nicarágua (PSN). Por intermédio do partido Fonseca participou de um congresso internacional da juventude na União Soviética, em 1957. Quando voltou, escreveu um relato glorioso de sua aventura.

Mas, nos primeiros meses de 1959, sob a influência da Revolução Cubana, Carlos Fonseca começou a se afastar tanto da universidade quanto do partido comunista. De Havana voltou para a América Central e, em junho de 1959, uniu-se a uma expedição militar contra Somoza organizada em Honduras, a Brigada Rigoberto López Pérez.

A Brigada contava com o apoio e o treinamento dos cubanos, ansiosos para ver seu próprio sucesso reproduzido em outras partes da América Latina. Che Guevara forneceu o apoio logístico e ajudou a escolher o líder da expedição – um ex-oficial da Guarda Nacional que, antes, participara de um golpe malogrado contra Somoza. Exceto por alguns soldados cubanos que haviam combatido no Exército Rebelde, a Brigada Rigoberto López Pérez não tinha experiência nem disciplina militares, e seus membros eram politicamente heterogêneos. A Brigada não chegou a pisar o solo da Nicarágua. O Exército de Honduras e a Guarda Nacional nicaragüense cercaram o bando de aproximadamente oitenta homens, em El Chaparral, Honduras, matando nove revoltosos e capturando praticamente todos os demais.

Carlos Fonseca foi ferido e capturado nessa batalha. Em carta escrita enquanto estava no hospital militar, em Honduras, conta: "Não foi uma batalha, mas *o mais hediondo dos massacres*", uma derrota da qual tirou "lições que não é possível aprender nem em mil livros nem com cem mestres". A lição mais importante foi a necessidade de nova organização e de nova liderança. Fonseca culpou o líder designado para a coluna guerrilheira pelo desastre, afirmando que o massacre mostrara que

"o nosso povo ainda não produziu seus dirigentes naturais... dirigentes incontestáveis".

El Chaparral pode ser visto como o primeiro momento da revolução nicaragüense de 1979, ainda que lembre o ataque de 1953 contra o Acampamento em Moncada, que deflagrou a Revolução Cubana. Como operações militares, ambas foram derrotas fragorosas. Mas tiveram significados políticos diferentes. Os rebeldes cubanos batizaram seu movimento depois do ataque a Moncada, símbolo de que os jovens homens e mulheres que combateram em 26 de julho representavam o núcleo de um novo tipo de organização revolucionária em Cuba. El Chaparral fez ver a Fonseca que tal liderança ainda não estava implantada na Nicarágua.

Fonseca considerava que nem o partido comunista, no qual passara cinco anos, nem nenhum outro grupo político existente na Nicarágua poderia levar à revolução que tinha ocorrido em Cuba. Em vez disso, ele contemplava sua própria geração: "Somos nós, os jovens, que temos a obrigação de levar a luta adiante".

A agitação e a organização dos estudantes foi crescendo na Nicarágua no início de 1959, tal como acontecera em outras partes do continente. Os protestos contra a morte e a captura de estudantes nicaragüenses em El Chaparral provocaram uma passeata em León, em 23 de julho de 1959. Essa manifestação se tornaria um momento decisivo na atividade política estudantil. A Guarda Nacional atacou uma marcha legal e pacífica de milhares de estudantes e cidadãos desarmados, matando quatro deles e ferindo mais de uma centena. Embora a passeata tivesse o apoio da administração da Universidade, e contasse com a participação de membros do Partido Conservador e do Partido Liberal Independente, não foi uma demonstração que estivesse sob o controle de nenhum partido político. Desse momento em diante, os líderes estudantis e os intelectuais radicais, nascidos na década de 1930 e politicamente ativos no final dos anos 1950, passaram a se denominar a "Geração de 23 de julho".

A resposta à truculência da Guarda Nacional em León foi maciça: praticamente toda a população da cidade saiu às ruas para acompanhar o funeral dos alunos assassinados. Fortaleceu-se assim a ala radical do movimento estudantil, isolando mais ainda o regime de Luis Somoza. O primeiro congresso dos universitários nicaragüenses, ocorrido em León no fim de 1959, aprovou a resolução que defendia a Revolução Cubana, repudiou o tratado que simbolizava o controle dos Estados Unidos sobre a Nicarágua, condenou a "atitude entreguista dos partidos históricos" e manifestou seu apoio "aos organismos estudantis da América Latina, em sua preocupação quanto à solução dos problemas dos trabalhadores".

A defesa da Revolução Cubana foi o tema comum dos novos grupos estudantis da Nicarágua, formados ao longo de 1959 e 1960. Apesar de breve sobrevida, muitos desses grupos incluíram em suas fileiras pessoas que depois se tornaram os fundadores e líderes da FSLN. Na segunda metade de 1959, um grupo de ex-alunos nicaragüenses começou a se reunir em Havana e a discutir como poderiam se organizar para fazer uma revolução.

Alguns desses jovens – todos rapazes – tinham sido membros do partido comunista. Mas a experiência em El Chaparral e a vitória do movimento cubano de 26 de julho os conduziam a um ponto de ruptura. Carlos Fonseca afirmou mais tarde que vários meses de debates com os líderes do PSN, após El Chaparral, "serviram para demonstrar que estava esgotada a possibilidade de conseguir, dentro do Partido Socialista, repetindo, estavam esgotadas as possibilidades de levar a cabo, a partir dele, a luta armada revolucionária".

A falta de compromisso com a luta armada não era a única questão que separava os jovens rebeldes do PSN. Diante do desafio representado pelo massacre de 23 de julho de 1959, Fonseca escreveu posteriormente: "Os elementos dominantes no Partido Socialista se propõem a uma atividade de tipo tradicional, unilateral, para estabelecer contato com os partidos tradicionais". Essa era uma abordagem política que o próprio

Carlos endossara até 1958. Foi a Revolução Cubana que o convenceu de que era possível aprofundar a revolução social na prática, de uma forma que nunca aconteceria caso permanecessem na dependência dos partidos nicaragüenses tradicionais que, na realidade, em meados de 1959, já se afastavam do radicalismo da reforma agrária e de outras medidas levadas a cabo pelo novo governo cubano.

Redescobrindo Sandino

Foi em Havana que despertou em Carlos Fonseca o desejo de estudar a vida de Sandino, e lá ele teve sua primeira oportunidade para tanto. Embora fosse um ávido estudante de história, criado em Matagalpa, certamente já ouvira falar do general rebelde, entretanto Carlos nunca havia mencionado Sandino, senão depois da Revolução Cubana. Quando a vitória cubana o convenceu de que era possível uma revolução social em seu próprio país, Fonseca começou a buscar inspiração e um novo modelo estratégico em Sandino. A experiência política de Fonseca no PSN não o teria levado a pensar que havia algo a ser aprendido com o líder guerrilheiro das décadas de 1920 e 1930. Não conhecera antes revolucionários ou socialistas que respeitavam Sandino, até que foi a Havana. No México, Fidel, Raul Castro e Che Guevara estudaram as táticas de Sandino para a guerra de guerrilhas, e uma expedição malsucedida contra o ditador dominicano Trujillo, da qual Fidel Castro participou, foi chamada de Batalhão Sandino.

Em 1960, a editora montada pelo novo governo cubano lançou o livro *Sandino: general de homens livres* escrito pelo socialista argentino Gregorio Selser. Era a primeira vez que a nova geração de rebeldes nicaragüenses tinha contato com as idéias antiimperialistas e as campanhas heróicas do general guerrilheiro. Nessa época, o único livro disponível na Nicarágua era *El verdadero Sandino, o, el calvario de las Segovias* (O verdadeiro Sandino, ou, o calvário das Segócias, Manágua, Tipografia Robelo, 1936), escrito por aquele que ordenara o assassinato de Sandino, Anastasio Somoza García.

A primeira menção pública de Sandino pelos jovens que mais tarde formariam a FSLN ocorreu em meados de 1960, em um cartaz de parede, comemorando o primeiro aniversário do massacre estudantil de 23 de julho de 1959. Curiosamente o nome de Sandino estava ligado ao de José Martí, o cubano que declarara guerra contra o colonialismo espanhol, em 1895. Desse momento em diante, os dois heróis nacionalistas seriam freqüentemente citados juntos, tanto por nicaragüenses como por cubanos. Discursando em Cuba, no início dos anos 1970, Carlos Fonseca declara que os povos de Cuba e da Nicarágua estavam ligados por "laços históricos indestrutíveis. O pensamento e a ação de José Martí e de Augusto César Sandino nos indicam o caminho de uma luta comum".

A fundação da FSLN

A revolução cubana inspirou uma verdadeira proliferação de grupos de estudantes radicais na Nicarágua, entre 1959 e 1960: a Juventude Democrática Nicaragüense (ligada ao partido comunista), a Juventude Revolucionária Nicaragüense e a Juventude Patriótica Nicaragüense. Havia mais semelhanças entre eles: todos organizaram demonstrações públicas de solidariedade a Cuba e contra o governo de Somoza; alguns membros pertenciam a vários deles; e começaram a ver Sandino sob uma nova luz. A Juventude Revolucionária Nicaragüense (JRN) enviou delegados a um congresso de exilados, na Venezuela, em 1960, em comemoração ao aniversário do assassinato de Sandino, e a Juventude Patriótica Nicaragüense (JPN) organizou demonstrações exigindo que a avenida Roosevelt, em Manágua, passasse a se chamar avenida Sandino. Os estudantes nicaragüenses revolucionários, que se reuniram em Havana, voltaram para a Nicarágua, alguns em segredo, outros abertamente, e começaram a trabalhar com e nas novas organizações estudantis.

Ao longo desses anos, embora a agitação estudantil fosse a mais visível, notava-se discreta mobilização das forças armadas militantes, assim como algumas greves. Esse cenário se re-

fletiu na primeira organização revolucionária não-estudantil da nova era, fundada em 1961: o Movimento Nova Nicarágua (MNN). Além dos antigos líderes estudantis, como Carlos Fonseca, Silvia Mayorga e Tomás Borge, os fundadores do MNN incluíram alguns jovens trabalhadores e mais dois veteranos da guerra de Sandino contra os fuzileiros americanos.

A denominação Movimento Nova Nicarágua talvez se traduzisse em uma designação bastante pacifista para uma organização que defendia a idéia da luta armada no intuito de derrubar o regime de Somoza. Em menos de um ano, o nome foi mudado para Frente de Libertação Nacional (FLN) – inspirado no grupo armado que derrubara o colonialismo francês na Argélia. Foi sugestão de Carlos Fonseca adicionar "Sandinista" ao nome, a fim de identificar a nova organização com Sandino e sua guerra contra os *marines*. Mas só conseguiu convencer os demais em 1963.

A essa altura, já aumentara a necessidade de lutar pelo controle do movimento estudantil na Nicarágua. O presidente Luis Somoza decretou um segundo estado de sítio no final da década de 1960, visando primeiro a desestruturar a organização dos estudantes e a oposição dos intelectuais. No mesmo ano, foi fundada uma nova universidade particular católica em Manágua. Construída em uma área doada pela família Somoza e tendo como primeiro reitor o tio de Luis Somoza, a Universidade Centro-Americana (UCA) pretendia combater o crescente radicalismo da Universidade Nacional. A FLN/FSLN reagiu organizando seus partidários nas duas universidades em torno de um novo organismo estudantil revolucionário, a Frente Estudantil Revolucionária (FER), cujo congresso inaugural foi realizado em dezembro de 1962. Em 1963, a UCA já era um nicho tão ardorosamente dedicado ao radicalismo quanto a Universidade Nacional em León, com três membros da FSLN eleitos para postos-chave no movimento estudantil.

A declaração mais explícita do programa político da FSLN em meados de 1963 encontra-se em um manifesto da liderança estudantil dominada pela FER em Manágua, que se comprometia, entre outras coisas, a "lutar para resgatar as classes exploradas das garras da oligarquia e do capitalismo... defender a justa distribuição das riquezas, erradicar o analfabetismo, criar um novo sistema de educação... realizar uma reforma agrária integral, a reforma urbana, a nacionalização das empresas estrangeiras... lutar pela eliminação dos partidos tradicionais, principais responsáveis pela tragédia do povo nicaragüense... [e] repudiar o entreguismo aos Estados Unidos".

A organização "pai" da Frente Estudantil Revolucionária concentrava-se na articulação de uma guerra de guerrilhas, não na redação de manifestos. Para os jovens que se reuniram na FLN e depois adotaram o nome FSLN, a ação vinha em primeiro lugar, não a teoria. Como um de seus fundadores afirmou anos mais tarde: "Nunca houve uma reunião formal para fundar a Frente... nunca tivemos um congresso, uma convenção, uma assembléia para fundar o movimento. Simplesmente, não houve. Nunca. A FSLN foi criada no calor da luta". Essa descrição é muito mais precisa do que grande parte dos relatos sobre a revolução nicaragüense, que informam ter sido a FSLN fundada por três pessoas, em uma reunião especial, em Tegucigalpa, Honduras, em meados de 1961.

Ríos Coco e Bocay

A "ação" dos nicaragüenses esperava repetir a do Exército Rebelde em Sierra Maestra. Inspirados por suas próprias observações em Havana e treinados nos acampamentos militares em Cuba, tinham uma visão mecânica do que seria preciso para reproduzir a vitória cubana. O conceito dos grupos da guerra rural de guerrilhas era semelhante à "teoria do foco", popularizada pelo marxista francês Regis Debray, em sua influente obra *Revolução na revolução*. Os jovens rebeldes nicaragüenses chegaram a elaborar um cronograma de 25 meses para a derrubada de Somoza, baseado no tempo decorrido entre a aterrissagem do jornal *Gramma* e a fuga de Batista.

A primeira operação guerrilheira da FSLN revelou que os jovens rebeldes conheciam apenas superficialmente tanto a

insurreição cubana quanto a natureza social e geográfica de seu próprio país. Escolheram uma área remota na floresta tropical ao norte, perto da fronteira com Honduras, onde a operação foi preparada, porém longe de qualquer parte da Nicarágua onde já haviam realizado algum trabalho político. Ao longo de 1962 e no início de 1963, infiltraram homens e armas em uma área próxima do ponto em que o rio Bocay deságua na parte mais alta do rio Coco, região habitada por índios sumo e miskito e também por campesinos mestiços espalhados pela área. Os cerca de sessenta futuros guerrilheiros não tinham apoio nem contato anterior com a área, e nenhum falava a língua das tribos locais. Apenas metade deles tinha armas, quase todas rifles de caça. A "guerra" de guerrilhas rapidamente chamou a atenção da Guarda Nacional, mas a maior parte da população nicaragüense ou não sabia o que ocorria, ou não se importava. Em agosto de 1963, cerca de um terço dos guerrilheiros fora isolado dos demais; tinham caído em emboscadas onde foram capturados e mortos. Com isso, a operação foi abandonada. Embora alguns dos mortos fossem líderes estudantis de destaque desde a escola secundária, não houve protestos quando a notícia de seu assassinato chegou às universidades e às cidades.

O fracasso da operação nos rios Bocay e Coco, em 1963, foi apenas em parte por causa do insuficiente preparo dos rebeldes. O estado de ânimo no país também mudara. Durante vários anos após a vitória cubana de 1959, uma revolução na Nicarágua parecia uma possibilidade real e quase mediata, pelo menos para uma parcela de universitários, intelectuais e um grupo reduzido de trabalhadores. O regime de Somoza tinha conseguido conter essa revolta por meio de atos de repressão, mas na verdade ele pretendia dar a impressão de uma abertura democrática. Em 1963, René Schick foi eleito presidente, com o apoio tanto de Luis Somoza como de seu irmão Anastasio, que permaneceu como chefe da Guarda Nacional. Schick não cometeria o mesmo erro que o outro presidente não-somozista, eleito com o apoio de Somoza García no fim dos anos 1940 e rapidamente destituído assim que começou a mostrar ligeiros

sinais de um pensamento independente. Mas Schick alegou claramente opor-se aos "excessos" do passado, libertou alguns presos políticos e permitiu a volta de alguns exilados.

Durante a administração de Schick, assim como de todos os três presidentes Somoza, a Nicarágua foi um cordato parceiro dos Estados Unidos na iniciativa norte-americana de conter ou abafar movimentos revolucionários na América Central e no Caribe. Em 1954, no governo Somoza García, as forças militares que haviam derrubado Jacobo Arbenz do poder na Guatemala reuniram-se para treinar na Nicarágua. Os aviões e os barcos dos Estados Unidos envolvidos na invasão da Baía dos Porcos em Cuba, em 1961, partiram da Nicarágua de Luis Somoza. Schick enviou tropas para ajudar as forças norte-americanas destinadas a abafar uma insurreição na República Dominicana, em 1965. Anastasio Somoza Debayle ajudou a controlar um golpe reformista em El Salvador, em 1972.

A ajuda militar e econômica dos norte-americanos à Nicarágua, na década de 1960, foi grande. A Aliança para o Progresso (uma parte da resposta do governo americano à Revolução Cubana) tinha expressiva representatividade na Nicarágua, e o auxílio dos Estados Unidos ajudou a melhorar a infra-estrutura econômica e a expandir a burocracia estatal e o sistema educacional. Novos bairros de classe média e complexos comerciais espalharam-se por Manágua. As exportações cresceram. Durante a década de 1960, a Nicarágua teve o mais alto índice de crescimento da América Latina, e um dos maiores índices de crescimento agrícola do mundo. A produção de algodão aumentou nos anos 1950, e os preços tanto para o algodão como para o segundo produto da Nicarágua, o café, permaneceram altos, embora repentinas quedas nas cotações internacionais tivessem por duas vezes mergulhado o país em uma breve fase recessiva. A exportação de carne bovina nos anos 1960 obteve grande sucesso, e a Nicarágua também começou a exportar quantidades significativas de açúcar, frutos do mar, tabaco e banana. Um novo Mercado Comum da América Central foi o impulso para uma modesta expansão da industrialização. Todos os setores ca-

pitalistas nicaragüenses beneficiaram-se do sucesso da economia, não só o segmento diretamente ligado à família Somoza. Alguns trabalhadores urbanos beneficiaram-se da expansão do setor da construção civil e do aumento no número de empregos administrativos. Nessas condições, declinou o interesse pela alternativa revolucionária, pelo menos nas cidades. Para a maioria da população, porém, não houve lucro com o surto de crescimento, e as condições de vida no campo pioraram consideravelmente. No entanto, como a FSLN não contava com uma presença real em áreas rurais, não pôde se beneficiar desse potencial.

A FSLN captou brevemente a atenção nacional em meados de 1964, quando seu líder mais famoso, Carlos Fonseca, foi preso em Manágua e levado a julgamento. Essa fora a oitava e última vez que Fonseca havia sido preso na Nicarágua. Seu discurso de defesa foi impresso na íntegra pelo jornal da oposição *La Prensa*, e se tornou parte da literatura programática básica do movimento, com o manifesto que redigiu ainda na prisão, intitulado "Do cárcere, eu acuso a ditadura". Os estudantes ativistas reagiram rapidamente à notícia da sua prisão, organizando protestos e greves e instigando a atenção do público para o julgamento. Sua campanha provavelmente contribuiu para que Fonseca não fosse fisicamente maltratado na prisão e fosse solto ao término de sua sentença de seis meses. Os líderes sandinistas capturados no fim dos anos 1960 e na década de 1970 não tiveram a mesma sorte. Quando não eram mortos no cativeiro, certamente cumpririam longas sentenças nas mais terríveis condições.

Ao longo dos dois anos seguintes ao julgamento de 1964, a FSLN praticamente não existiu. Aos nicaragüenses politicamente ativos, parecera que os jovens sandinistas haviam desistido de sua revolução após a esmagadora derrota da guerrilha, e se encaminhavam para uma atuação política mais respeitável. Na realidade, isso não estava longe da verdade. Apesar de cerca de vinte membros da FSLN continuarem a se encontrar periodicamente em pequenas células secretas, os demais abandonaram suas atividades clandestinas para se ocupar de pequenas ou quase inexistentes atividades legais, em seu próprio nome. Os fundadores e líderes da FSLN mais conhecidos, como Silvio Mayorga, Tomás Borge e Carlos Reyna, atuavam como membros de uma coalizão legal e orientada para a reforma social, chamada Mobilização Republicana (MR), na qual a voz política mais forte era a do partido comunista.

Uma série de eventos em 1966 forçou os sandinistas a trilhar um caminho mais radical, e novamente a inspiração ideológica veio de Cuba. A FSLN enviou uma delegação à primeira Conferência Tricontinental em Havana, no início de 1966, em um esforço por parte da liderança cubana de reunir as forças revolucionárias de todo o continente americano para enfrentar as políticas eleitoreiras conservadoras de partidos comunistas ortodoxos, como o PSN. A famosa "Mensagem ao Tricontinental" de Che Guevara, clamando por "Dois, Três, Muitos Vietnãs", foi publicada pouco depois. O próprio Che estava secretamente a caminho da Bolívia, em 1966, para liderar uma operação conjunta das guerrilhas cubana e boliviana. Na Nicarágua, a fachada democrática do governo estava começando a desmoronar, mesmo antes de o presidente René Schick morrer vítima de um ataque cardíaco, em agosto de 1966. Anastasio Somoza, o homem forte, anunciou que seria candidato nas eleições presidenciais em 1967, e a Mobilização Republicana, assim como outros partidos pró-reforma e grupos de estudantes concentraram suas energias na eleição de um candidato conservador da oposição.

A FSLN já estava se movimentando em direção oposta ao MR. No fim de 1966, cinco líderes da FSLN assinaram um manifesto intitulado "Sandino sim, Somoza não. Revolução sim, farsa eleitoral não!", que rejeitava a orientação eleitoral do partido comunista e o MR, e comprometia novamente a organização com a luta armada.

Operação guerrilheira de Pancasán

Uma campanha renovada de guerrilhas, liderada por Carlos Fonseca, foi lançada em 1967, na Região Centro-norte

de Pancasán. Apesar de mais bem preparada que a de 1963, a FSLN conseguiu mobilizar pouco menos de cinqüenta guerrilheiros. Antes de deflagrar sua operação militar, os líderes da FSLN passaram seis meses familiarizando-se com o terreno e fazendo contatos com os campesinos que pudessem fornecer-lhes alimento, informações e refúgio. A área que escolheram, o nordeste de Matagalpa, era menos remota e habitada por campesinos que falavam espanhol. Os próprios guerrilheiros estavam mais comprometidos, tinham mais homogeneidade política e alimentavam menos ilusões de uma vitória rápida. Ainda assim, a campanha de Pancasán terminou como a dos rios Coco e Bocay. Em agosto de 1967, exatamente quatro anos após a primeira derrota, uma das três colunas guerrilheiras foi varrida do mapa pela Guarda Nacional e as duas outras recuaram pela fronteira norte, entrando em Honduras. Mais de dez guerrilheiros foram mortos, incluindo o fundador da FSLN, Silvio Mayorga, e outros líderes.

A derrota em Pancasán teve desdobramentos diferentes das de 1963. Em vez de recuar, a FSLN abriu uma ofensiva política e militar, desencadeando uma série de atos violentos espetaculares nas cidades, como assaltos a bancos e promoveu execuções (que chamavam de "justiçamentos") dos odiados oficiais da Guarda Nacional. Tais ações destinavam-se não só a arrecadar dinheiro, mas também a provocar medo e admiração. Foi durante esse período que a FSLN passou a adquirir sua reputação – deliberadamente buscada – de um grupo disposto a arriscar tudo, inclusive a própria vida, para derrubar Somoza.

Tal cultura desafiadora custou caro. Mais membros da FSLN foram mortos nos justiçamentos e nos assaltos a bancos de 1968 e 1969 do que na derrota em Pancasán. Mas a organização estava começando a ser conhecida mais amplamente não só em virtude de suas ações violentas, mas também em razão de seus manifestos mimeografados, reproduzidos na clandestinidade e repassados de mão em mão. Essas declarações celebravam Sandino, Che e os mártires mais jovens criados em rápida sucessão; expressavam solidariedade para com os movimentos revolucionários internacionais e as lutas dos trabalhadores, campesinos e das mulheres nicaragüenses, em torno de questões de teor social e econômico. Os manifestos ainda desafiavam o papel do imperialismo americano na Nicarágua e no restante da América Latina.

A atividade legal da FSLN durante esse período esteve restrita às universidades e ao seu trabalho na FER. A tentativa de praticar a guerra de guerrilhas na região das montanhas fora deixada de lado naquele momento. A maior parte dos limitados recursos humanos e financeiros da organização era destinada ao desenvolvimento sigiloso da organização nas cidades. À medida que os anos 1960 iam chegando ao fim, o trabalho político da FSLN dedicava-se a proteger a vida e os direitos humanos da crescente porcentagem de seus integrantes que iam para a prisão.

Nesse contexto, produziu-se na Nicarágua uma cultura de prisão e clandestinidade, que passou a fazer parte da mística da FSLN. Os espaços físicos do movimento eram esconderijos e celas de prisão. Sua linguagem incluía comunicados em código e poemas de amor, contrabandeados para fora e para dentro da prisão. Seus principais valores eram o sigilo, a solidariedade e a bravura.

Um dos que mais contribuíram para esse quadro foi Julio Buitrago, o cabeça do movimento urbano clandestino. A trajetória de Buitrago revela o tipo de jovem que se envolveu na FSLN, no fim dos anos 1960. Nascido em uma família pobre de Manágua, começou a trabalhar ainda criança, vendendo refrigerantes e limpando a sala de um cinema, depois que saía da escola. Fez parte do levante estudantil do início da década de 1960, mas foi só em 1964 que se uniu à FSLN, depois de ajudar a liderar uma greve de alunos em protesto pela prisão de Carlos Fonseca. Viajou para a Guatemala, El Salvador e Cuba, recebendo treinamento militar e representando a FSLN nas reuniões com outros grupos revolucionários. Tinha apenas 21 anos quando foi nomeado chefe do movimento urbano clandestino, tornando-se com Carlos Fonseca o líder mais importante da

FSLN e o mais perseguido pela polícia de Somoza. Buitrago ficou famoso pela audácia com que atuava nos assaltos a bancos e por sua capacidade de resistir à tortura, quando foi preso e interrogado. Em julho de 1969, a Guarda Nacional descobriu seu esconderijo em um bairro operário de Manágua e enviou para lá tanques e helicópteros e mais de cem soldados. O cerco teve cobertura ao vivo pela televisão e por emissoras de rádio, e os repórteres foram informados de que a quantidade de munição usada pelos ocupantes da casa provava que havia dezenas de "terroristas comunistas" encurralados no local. Quando o tiroteio enfim cessou, havia apenas o corpo crivado de balas de Julio Buitrago.

Doris Tijerino, que também estava no aparelho mas escapou quando os primeiros ataques começaram, ilustra o outro lado da origem dos integrantes da FSLN. Tendo crescido em um lar de classe média na área cafeeira de Matagalpa, suas primeiras experiências políticas ocorreram no Partido Comunista da Nicarágua, que lhe concedeu uma bolsa para estudar na Universidade Patrice Lumumba, em Moscou. Ela tentou, em vão, recrutar Julio Buitrago para o Partido Socialista Nicaragüense, e depois saiu do PSN e seguiu Buitrago, tornando-se membro da FSLN. No fim de 1966, assinou o manifesto político da FSLN intitulado "Sandino sim, Somoza não!", na qualidade de membro do Diretório Nacional. Estava com 23 anos e provavelmente era uma das dez mulheres nas fileiras da FSLN, nessa época. Tijerino foi presa várias vezes e, como muitas outras prisioneiras, foi violentada pelos guardas. Uma foto sua de 1969, com uma legenda, publicada no jornal dirigido por Somoza, mostra o ódio especial devotado pelos regentes da Nicarágua a uma rebelde que consideravam traidora, tanto de sua classe social quanto de seu sexo. A legenda dizia: "Para manter em primeiro plano, perante o interesse público, a Frente Terrorista da Escravidão, a senhora Doris Tijerino Haslam, comunista fanática, não teve escrúpulos em oferecer sua intimidade feminina como elemento de escândalo em uma denúncia cuja falsidade se comprovou exaustivamente, como manda a lei".

O número de mulheres da FSLN aumentou durante a fase da clandestinidade do final dos anos 1960. Tinham entre si uma semelhança relativamente maior do que os homens sandinistas, recrutados entre os universitários oriundos de lares mais abastados. Mas Gladys Baez, que combateu na operação da guerrilha de 1967, e Luisa Amanda Espinosa, a primeira mulher sandinista morta pela Guarda Nacional, vinham de famílias operárias.

A posição das mulheres da FSLN não foi fácil nos primeiros anos. A tarefa de manter os aparelhos limpos, alimentar os fugitivos e cuidar deles, datilografar comunicados e manifestos quase sempre recaía sobre elas. Ao mesmo tempo, o fato de mulheres receberem armas e treinamento militar teve profundo impacto no modo pelo qual pensavam a seu próprio respeito e em como os companheiros as tratavam. Um colega combatente lembra, com admiração: "Recordo uma vez em que Luisa Amanda vinha até a montanha e foi detida por três guardas. Estava vestida de enfermeira. Eles a agarraram e um queria violentá-la. Levaram-na para o rio e, no princípio, ela deixou que ele pensasse que poderia ter o que queria. Assim que chegaram à margem do rio, ela o matou. Essa é a integridade das mulheres nicaragüenses". Outro sandinista, também homem, descreveu como duas moças entraram para o movimento urbano clandestino e imediatamente começaram o treinamento armado. "Ao terminar, já tarde, apesar de toda a exaustão do dia (para nós, elas pareciam frescas como lírios), mostraram-se empolgadas e satisfeitas, e até desejosas, disseram alguns, de encarar pela frente o primeiro animal da segurança para fazer dele um selo plantado no chão, no meio da rua." Muitos heróis da guerra revolucionária contra Somoza foram, na realidade, heroínas, incluindo Dora Maria Tellez, a "comandante dois", do ataque ao Palácio Nacional, e comandante da Frente Ocidental do exército guerrilheiro; e Nora Astorga, que seduziu um odiado torturador da Guarda Nacional, conduzindo-o a uma armadilha mortal.

Uma variedade de convenções e pressões contraditórias afetava as relações entre homens e mulheres da ação clan-

destina. A cultura burguesa da Nicarágua revelava profunda influência dos valores patriarcais em termos da família e das relações sociais. A regra era que o chefe do lar, um homem, sustentasse sua família e dependentes, enquanto sua esposa permanecia em casa, criando os filhos e cuidando deles. Esse ideal era um mito. Na realidade, muitos lares da classe operária e de campesinos eram liderados por mulheres solteiras e, nessas famílias, tanto os meninos quanto as meninas trabalhavam desde tenra idade. Nos lares abastados, o trabalho de cuidar da casa e das crianças era quase sempre executado por empregadas, não pela mãe/esposa que permanecia em casa. Mas os preconceitos contra o papel adequado da mulher na sociedade afetavam todas as camadas sociais e tinham considerável impacto sobre os rapazes e as moças que rompiam com as convenções sociais ao se filiarem à luta armada.

A FSLN clandestina também tinha suas convenções particulares sobre o papel das mulheres, algumas relacionadas a medidas de segurança. As que ficavam nos aparelhos deviam usar calças compridas, não saias, e dormir de botas, para poder escapar prontamente, se necessário. As regras da clandestinidade exigiam que as militantes cortassem os laços com pais e filhos e com maridos e amantes que não pertencessem às fileiras da FSLN, embora os líderes da organização às vezes desobedecessem a tais regras. Prevalecia um código puritano de comportamento, dirigido basicamente contra os homens sandinistas do tipo conquistadores, mas que também poderia ser árduo para as mulheres engajadas. Quando um homem e uma mulher, ambos membros da FSLN, queriam viver juntos, exigia-se que pedissem autorização de seu superior na organização.

Estratégia revolucionária

O final da década de 1960 foi marcado por intensa discussão interna na FSLN, assim como por atos perigosos e lentidão no recrutamento. O ano de 1967 tinha assistido a uma série de fracassos, não só na Nicarágua. Os líderes das guerrilhas na Guatemala e no Peru foram presos ou mortos. Em outubro, Che Guevara fora capturado e morto na Bolívia e sua coluna de guerrilheiros, destruída. De acordo com o líder da FSLN Jacinto Suárez, "em meio a tudo isso, a toda essa situação, começa-se a discutir no seio da Frente Sandinista quem somos: um partido, um grupo armado, um foco? O que somos? Começa-se a questionar a famosa teoria do foco e começa-se a tratar de definições. Bem, o que é a Frente Sandinista, quem somos, para onde vamos, o que queremos?".

O resultado dessa discussão foi a reafirmação do exemplo de Cuba e o compromisso com a luta armada. Como Julio Buitrago prometera, em um programa de rádio realizado em 1968, em Havana, "depois de Cuba, a Nicarágua será o primeiro país da América Latina a ser libertado". Poucas pessoas, nessa época, conseguiram acreditar que isso se tornaria realidade.

Dois importantes escritos políticos de 1968, um que circulou somente entre os membros da FSLN e outro destinado a um círculo mais amplo, mostram os resultados dessa discussão sobre estratégia. Ambos foram escritos por Carlos Fonseca enquanto esteve na clandestinidade na Nicarágua, copiados e distribuídos à mão, e divulgados clandestinamente entre membros e contatos da FSLN. Em sua *Mensagem aos estudantes revolucionários*, Fonseca convocou todos os estudantes que se consideravam revolucionários para romper com os "demagogos" social-cristãos e com os "falsos marxistas" do Partido Comunista, e dar apoio à luta armada nas montanhas e nas cidades. Embora estudantes guerrilheiros estivessem morrendo nas montanhas, segundo ele acusava, "no fundo, os estudantes revolucionários que permaneceram nas aulas cruzaram os braços". O problema não foi uma apatia estudantil generalizada. Fonseca insistia em que a maioria dos estudantes queria entrar em ação, quando o líder Silvio Mayorga foi morto, e só estava esperando o chamado quando Che Guevara foi assassinado. O problema foi a falta de liderança por parte dos estudantes revolucionários, que Fonseca acusou de "indisciplinada" e de serem influenciadas pela "penetração capitalista das universidades".

Em 1968, a *Mensagem* enfatizava que os estudantes tinham uma responsabilidade especial em um país como a Nicarágua, em que apenas uma minoria privilegiada recebia educação de nível superior ou até mesmo secundária. Eles deveriam ser os "porta-bandeiras das massas" e se infiltrar nas "fábricas e bairros, nas aldeias rurais e plantações". Em vez de uma falsa autonomia que dava ao governo mil maneiras de intervir, dizia Fonseca, a universidade precisava estar ligada aos interesses dos trabalhadores e dos campesinos. "A universidade sustenta-se com o suor do povo trabalhador. A cultura advém do trabalho milenar do povo."

Parte da responsabilidade dos estudantes perante as massas era apresentar uma alternativa política clara, um programa "revolucionário inequivocamente radical". De acordo com Fonseca, a história "ensina que não pode haver paz entre ricos e pobres, entre milionários e trabalhadores. A experiência histórica ensina que não pode haver outras situações além destas: ou os ricos exploram os pobres, ou os pobres se libertam, eliminando os privilégios dos milionários".

No memorando interno "Militância Ativa", Fonseca convocava os militantes a se familiarizarem com as condições concretas de vida dos bairros da classe operária, evitando "a posição incorreta de conclamar somente o povo a lutar para dar fim à exploração e à opressão em geral". Em linguagem que lembrava a de Che Guevara, condenava "os que falam de revolução e, na prática, não defendem com ações o povo e a pátria".

Embora a FSLN estivesse começando a se tornar presença conhecida em 1968 e 1969, atuando como pólo de atração para universitários radicais, também estava perdendo líderes experientes nas mãos da repressão policial. Tanto a *Mensagem aos estudantes revolucionários* como a circular sobre "Militância Ativa" buscavam esclarecer as políticas da FSLN e melhorar seu nível de organização, para poder se expandir e engajar novos quadros, em especial entre os trabalhadores. Fonseca convocava a "organização em todos os setores: os trabalhadores da construção civil, da indústria têxtil, moveleira, sapateiros, condutores, mecânicos, balconistas e vendedores, operários de fábricas, estivadores e trabalhadores portuários, além dos estudantes de todos os níveis, os campesinos pobres, lavradores etc. O objetivo deve ser o de, em cada bairro, local de trabalho e setor produtivo, haver um esquadrão ativo da FSLN".

Esses eram objetivos um tanto ambiciosos para uma organização cuja força foi provavelmente retratada com exatidão em manchete de 1969, impressa no semanário da oposição *Extra Semanal*: "28 mortos, 16 encarcerados e 12 clandestinos: saldo da FSLN".

3. Evolução de um Programa e de uma Estratégia

A incerteza e o perigo da vida clandestina dificultavam cada vez mais a reunião dos líderes da FSLN no solo da Nicarágua, para discutir os problemas encontrados pela organização, no final dos anos 1960. Quase dez anos depois de a revolução cubana ter inspirado a formação da FSLN, os rebeldes sandinistas ainda não tinham um programa escrito, ou uma análise em comum da sociedade e da história da Nicarágua, nem mesmo uma lista de tarefas e objetivos para aplicar no recrutamento e no treinamento de novos membros. Tudo o que tinham se resumia a escritos e discursos periódicos de Carlos Fonseca, como sua "Declaração", durante o julgamento em 1964, e a *Mensagem aos estudantes revolucionários*, de 1968, que nunca fora discutida nem votada pelos demais líderes ou membros da FSLN. A FSLN nasceu no calor da ação, e a qualificação mais importante para integrar suas fileiras era a disposição de participar da luta armada contra a ditadura. Seus líderes, portanto, especialmente Carlos Fonseca, haviam se dado conta da importância de uma teoria revolucionária.

Fonseca, que permanecera na clandestinidade na Nicarágua desde o final de 1966, deixou o país e foi para a Costa Rica no início de 1969, a fim de esboçar um programa que pudesse ser analisado e votado pela organização. Primeiro, escreveu um longo ensaio intitulado *Hora Cero* (Hora Zero), em que argumentava que a Nicarágua havia sido reduzida a uma "neocolônia" do imperialismo norte-americano, após três décadas de regime sob o comando de uma "claque reacionária" que, aliada ao "setor dos capitalistas que se chamam 'oposicionistas'", havia imposto ao país um sistema econômico deformado e retrógrado que explorava e vitimizava os trabalhadores e cam-

pesinos. Fonseca explicava por que os outros grupos da oposição eram incapazes de dar apoio ao tipo de transformação social e política necessário na Nicarágua, uma revolução que só a FSLN poderia liderar. Ele admitia, porém, que alguns membros haviam perdido o ânimo após a derrota de Pancasán e estava na hora de recrutar e orientar uma nova geração de militantes.

Em poucos meses, Fonseca tinha apresentado um conjunto de exigências e promessas que, originalmente, fora chamado de "Programa Sandinista", mas que, desde o final dos anos 1970, era universalmente conhecido como "Programa Histórico". Era a plataforma da insurreição de 1979 e do novo governo revolucionário que chegara ao poder em julho de 1979. Um primeiro rascunho fora contrabandeado para os líderes da FSLN presos ou na clandestinidade na Nicarágua, e as sugestões destes foram sigilosamente levadas até a Costa Rica. No início de junho de 1969, Julio Buitrago recebeu um segundo rascunho em seu aparelho em Manágua, como uma carta em código. No final de julho ou início de agosto, a maioria dos líderes e boa parte dos integrantes da FSLN reuniu-se na Costa Rica e aprovou o "Programa", além de um novo Estatuto para a organização.

O "Programa Histórico" convocava o povo da Nicarágua para uma mobilização geral, em torno das treze tarefas básicas da revolução. O ponto fundamental do documento já era evidenciado em seus dois primeiros parágrafos, em que se exigia a derrubada da ditadura e uma reforma agrária radical. Prometia-se em seguida o estabelecimento de um governo revolucionário que garantiria os direitos democráticos básicos, expropriaria a propriedade da família Somoza e seus cúmplices, e nacionalizaria os bancos, o comércio exterior e os recursos naturais em mãos de estrangeiros. Essas posições eram reforçadas por outras que incluíam pôr fim à interferência "ianque" nos assuntos internos da Nicarágua, e comprometiam-se em extinguir a Guarda Nacional e substituí-la por um "exército do povo, patriótico e revolucionário", além de uma milícia popular. Depois disso, pedia-se a implantação imediata de uma reforma agrária em ampla escala, incluindo maciça redistribuição de terras

entre aqueles que nela trabalhavam. Os pontos seguintes esboçavam programas sociais e econômicos centrados nas necessidades da maioria empobrecida. Conclamavam uma revolução na cultura, na educação, na legislação trabalhista e na seguridade social; e uma campanha destinada a erradicar a corrupção da administração pública, dando um fim ao histórico isolamento da região da costa do Atlântico e à "odiosa discriminação" vivida pelos índios e negros; também conclamavam para a emancipação das mulheres, ao respeito pelas crenças religiosas, a unidade do povo centro-americano, a solidariedade para com todas as lutas antiimperialistas disseminadas pelo mundo todo e a veneração pelos mártires sandinistas. Eram exigências amplamente democráticas e nacionalistas, com um forte viés em favor das necessidades dos trabalhadores e campesinos e uma intransigente atitude de oposição a todo o aparato somozista.

Anos de exílio

Em agosto de 1969, com a implantação do novo programa, os delegados estavam ansiosos para voltar à Nicarágua. O assassinato de Julio Buitrago em 1969 representara um duro golpe para o movimento no país, e o movimento urbano clandestino tinha de ser reorganizado. Carlos Fonseca deixara o país no início de 1969, esperando ficar ausente por poucos meses, antes de regressar para liderar uma nova guerrilha nas montanhas. Em vez disso, permaneceria quase sete anos fora da Nicarágua. No final de agosto de 1969, a polícia da Costa Rica, no encalço de outra pessoa, descobriu e prendeu Carlos Fonseca. Ele tentou fugir da prisão alguns meses depois, quando sua esposa, Maria Haydée Terán, conseguiu entrar com uma pistola sob a saia durante uma visita íntima. Entretanto, sua tentativa fracassada de fuga só provocou o prolongamento de sua sentença e a prisão de vários outros simpatizantes. Em novembro de 1970, um comando da FSLN com duas mulheres e dois homens seqüestrou um avião e fez dois executivos americanos reféns, os quais foram trocados por Fonseca e dois outros sandinistas presos na Costa Rica.

Fonseca passou os cinco anos seguintes no exílio, em Havana. A exemplo do que ocorrera no início dos anos 1960, o centro nervoso do movimento revolucionário nicaragüense passou por Havana entre 1971 e 1975. Os líderes e os seguidores ficaram por lá durante longo tempo, ou após um período de treinamento militar na Coréia do Norte ou no Oriente Médio, ou depois de terem estudado no Chile ou no leste europeu, ou ainda após terem sido libertados da prisão na Nicarágua. Chegavam em Havana com notícias sobre o trabalho militar ou político na Nicarágua, e para se preparar para futuras campanhas. O Diretório Nacional reunia-se em Havana, e sempre que possível contava com o comparecimento de integrantes que estavam na clandestinidade na Nicarágua.

Uma das prioridades de Carlos Fonseca era extrair lições da luta de Sandino para transmitir à nova geração de rebeldes. Embora a FSLN tivesse adotado Sandino como símbolo havia quase uma década, as condições da guerra de guerrilha e o movimento urbano clandestino dificultaram o estudo da História. Contudo, durante seus anos no exílio, e com a ajuda de outros líderes da FSLN, Fonseca pôde escrever cinco textos importantes sobre Sandino; o principal deles, *Viva Sandino*, ficou pronto em 1975.

Os textos históricos acentuavam a importância da ação, ressaltando os feitos de Sandino mais do que suas teorias (que eram bastante ecléticas). Nesses trabalhos, Fonseca voltava à imagem de Sandino como caminho a ser seguido pelos revolucionários nicaragüenses, mas, dessa vez, segundo um novo prisma: o próprio Sandino tinha começado por ele mas não fora capaz de completar a jornada, já que as condições em 1930 impediram a transformação social e econômica necessária. Cabia agora à FSLN terminar o que Sandino tinha iniciado, diante de uma nova situação mundial, marcada pela vitória da revolução cubana.

Na visão de Fonseca, não havia conflito entre o nacionalismo de Sandino e o marxismo de seu outro herói, Che Guevara. *Viva Sandino* começava e acabava com a revolução cubana. O ensaio iniciava-se com referências à Conferência Tricontinental de Havana de 1966, aos discursos de Che Guevara e Fidel Castro, que "delineavam a linha de marcha para todos os combatentes que defendem o território da América Latina", e encerrava com o impacto da revolução cubana sobre o "espírito nicaragüense rebelde", e com a FSLN abraçando "o marxismo de Lenin, Fidel, Che, Ho Chi Minh".

A visão nacionalista da FSLN inspirada em Sandino era a de que a Nicarágua nascera e se definira pela luta contra o colonialismo espanhol e o imperialismo norte-americano, passando pelos índios rebelados e os escravos fugidos, e culminando com Sandino e a Frente Sandinista. Somente aqueles que, como Sandino, haviam combatido a opressão e a dominação estrangeira, não os latifundiários e políticos que colaboraram com a Espanha e depois com os Estados Unidos, poderiam realmente dizer que eram nicaragüenses. Os guardiães da cultura nicaragüense não eram os brancos ricos, copiando a última moda em Miami, mas a classe trabalhadora e os campesinos descendentes dos índios.

Diferenças táticas

As discussões em Havana e a colaboração cubana levaram a um acordo quanto aos principais temas dos escritos de Sandino e, de modo geral, à aceitação da análise de Fonseca sobre a sociedade nicaragüense e o papel da FSLN. Subrepticiamente ao consenso geral, porém, havia diferenças crescentes quanto às táticas e estratégias. Essas diferenças logo levaram à formação de três subgrupos separados dentro da FSLN: a Guerra Popular Prolongada (GPP); a Tendência Proletária (TP); e a Tendência Insurrecional (TI) – os terceiristas. Essa divisão durou até a véspera da revolução de 1979.

Muitas das razões para as divisões na FSLN eram fenômenos continentais ou globais, causadores de rupturas semelhantes em organizações esquerdistas por toda a América Latina: o desespero pelas derrotas das guerrilhas desde o final dos anos 1960, a separação sino-soviética e o aumento da influên-

cia soviética em Cuba, as diferentes interpretações da vitória de Allende no Chile e sua derrubada do poder, a questão das lealdades pessoais e das "panelinhas", as contradições e a vida no exílio. A FSLN não foi destruída pelos conflitos internos, como aconteceu com outras organizações. Apesar de todos os retardos, confusões e mortes desnecessárias além do que as divisões internas causaram, as diferenças políticas nunca foram realmente resolvidas, nem mesmo após a revolução.

A tendência Guerra Popular Prolongada (GPP) era a única a contar com uma liderança própria na Nicarágua. Após as discussões de 1969, seus componentes com Carlos Fonseca achavam que era importante lançar mão de novo da guerra de guerrilhas no campo, e em 1971 o núcleo de uma facção guerrilheira, comandada por Henry Ruiz, penetrou pela região montanhosa ao norte do país. Como estava indicado pelo nome de sua facção, essa tendência estava preparada para um longo período de recrutamentos e aperfeiçoamento de sua experiência militar no campo, até os guerrilheiros estarem fortes para avançar rumo às cidades. Também realizaram um trabalho político com os estudantes e intelectuais e foram a influência dominante na Frente Estudantil Revolucionária ao longo de toda a década de 1970. A GPP tinha como líder Ricardo Morales Avilés, um professor de matemática. Lutava para manter uma presença legal nas áreas urbanas (apesar de suas repetidas prisões), além de ajudar a fazer os contatos entre a FSLN e os grupos de estudantes cristãos radicais que começavam a se formar no início da década de 1970.

A Tendência Proletária, sob a liderança de Jaime Wheelock, rejeitava a estratégia das guerrilhas rurais. Wheelock tinha vivido no Chile durante os anos de presidência de Allende e era simpático ao Movimento pela Esquerda Revolucionária no Chile (MIR). Os proletários enfatizavam a organização política legalizada dos trabalhadores rurais e urbanos e, como a GPP, eram ativos no movimento estudantil.

A Tendência Insurrecional, liderada por Humberto Ortega, era a terceira e última facção a se declarar um grupo formalizado, seus proponentes, portanto, eram chamados de "terceiristas". (Embora essas tendências não fossem publicamente conhecidas antes de 1975, todas se apresentaram como tais nos debates políticos no Diretório Nacional, em Havana, entre 1971 e 1973.) Os terceiristas enfatizavam as ações militares especialmente no campo, mas também contra alvos selecionados nas cidades. Eram os mais favoráveis a alianças com as forças burguesas da oposição. Como Carlos Fonseca opunha-se às alianças estratégicas de longo prazo que poderiam terminar cedendo a liderança política aos partidos burgueses tradicionais, tais alianças só se firmaram após sua morte.

Enquanto a liderança nacional da FSLN, instalada em Havana, pesquisava Sandino e debatia suas diferenças táticas, começaram a surgir novas oportunidades para seu pequeno e perseguido movimento na Nicarágua. Uma boa parte dessa atividade era dirigida para a defesa dos direitos dos presos políticos e para a obtenção de sua liberdade. Os parentes, em especial as mães, de membros da FSLN presos trabalhavam com os estudantes sandinistas para organizar greves de fome e ocupações de prédios. Uma campanha de 1971, conhecida como o "movimento das igrejas", porque envolveu ocupações de catedrais pelos estudantes, obteve permissão para que as autoridades universitárias visitassem os presos da FSLN e tivessem garantias de que continuavam vivos. Inspirados pelas idéias da Teologia da Libertação e moralmente indignados pela desigualdade e pobreza que viam à sua volta, os jovens – muitos de famílias de classe média – começaram a organizar Comunidades Cristãs de Base. Alguns desses jovens católicos estavam abertos a soluções mais radicais do que as que viam nos partidos conservador e social-cristão, e então se encaminharam para a FSLN.

No início dos anos 1970, as divisões de classe tinham-se tornado mais acentuadas e mais evidentes na Nicarágua. A única redistribuição de renda que resultara de três décadas de prosperidade e de um dos mais altos níveis de ajuda norte-americana *per capita* havia sido direcionada para a classe alta e caído nas mãos dos ricos. Metade da população da Nicarágua não

sabia ler nem escrever. No campo, 75% do povo era analfabeto e, no caso das mulheres campesinas pobres, esse índice chegava perto de 100%. A Nicarágua tinha a mais baixa expectativa de vida da América Central (53 anos) e o segundo maior índice de mortalidade infantil. Cerca de metade dos lares não tinha água encanada nem eletricidade. Na zona rural, 80% das casas não tinham nem uma coisa nem outra. Ao longo dos anos 1960 e 1970, a Nicarágua tinha um dos mais elevados índices de natalidade da América Latina. Com a crescente concentração de terras nas mãos de poucos latifundiários e a falta de novos empregos para enfrentar o crescimento da população, dezenas de milhares de indivíduos migraram para áreas urbanas, especialmente para Manágua, onde viviam em condições precárias, nos bairros da região leste e em favelas de casas de papelão e ruas de barro.

O terremoto de 1972

As oportunidades para as organizações anti-somozistas cresceram significativamente após um terrível terremoto que devastou Manágua em dezembro de 1972, matando dez mil pessoas e arrasando o centro da cidade. Enquanto pessoas de outros países corriam em socorro das vítimas oferecendo ajuda humanitária, Somoza engendrava novos meios de enriquecer. Centenas de milhares de cubanos doaram sangue em resposta a uma campanha de âmbito internacional de socorro à Nicarágua, mas ao que se assistiu foi a venda das doações a importadores norte-americanos pelo recém-empossado diretor do Banco de Sangue Nicaragüense, filho do presidente Somoza. A ajuda internacional para a reconstrução de Manágua foi entregue a empresas de propriedade de Somoza, ou simplesmente roubada. A capital nunca foi reconstruída.

Altos índices de inflação e desemprego produziram indignação entre os trabalhadores que, liderados pelos operários da construção civil de Manágua, percebiam claramente que a ajuda para a "reconstrução" não estava chegando aos projetos de construção. Os jovens líderes da FSLN organizaram uma

greve de solidariedade de um mês, envolvendo os operários da construção civil, dando-lhes mais apoio do que o que recebiam de seu sindicato dirigido por comunistas; ofereciam aos sandinistas sua experiência mais concreta, ou seja, o que era um movimento de trabalhadores. Os ativistas das Comunidades Cristãs de Base organizaram-se para levar ajuda às famílias devastadas pelo terremoto e muitas vezes depararam com os estudantes esquerdistas membros ou contatos da FSLN.

Nessas circunstâncias, até as instituições que anteriormente apoiavam Somoza, como a hierarquia da Igreja Católica, começaram a criticar o regime. Alguns segmentos da burguesia, a quem fora negada sua "justa" parcela da ajuda externa, manifestaram sua propaganda anti-somozista. Em 1974, depois da reeleição de Anastasio Somoza para presidente, os políticos da oposição formaram uma nova coalizão para desafiar o candidato do presidente nas eleições seguintes – marcadas para 1981.

Durante esse período, e em especial nos anos subseqüentes ao terremoto, a FSLN desenvolveu um relacionamento estreito com os movimentos católicos baseado nas idéias da Teologia da Libertação. Luis Carrión, que vinha de uma das mais abastadas famílias da Nicarágua, foi um dos mais importantes organizadores do movimento estudantil cristão. O jovem Carrión freqüentara a escola secundária em uma instituição privada nos Estados Unidos e, em 1970, participou de demonstrações contrárias à Guerra do Vietnã. Após seu regresso à Nicarágua, começou a colaborar com a FSLN. Por volta de 1974, ele ainda acreditava que a luta mais eficaz em prol das mudanças sociais ocorreria se permanecesse fora da FSLN, ajudando a liderar um movimento cristão aliado, mas paralelo. Carrión descreveu seu processo de se tornar mais marxista e menos religioso como uma aquisição gradual de consciência. Tornou-se líder da insurreição em Manágua e foi membro do Diretório Nacional durante os anos 1980.

Outra líder da FSLN, recrutada no movimento estudantil cristão, foi Mónica Baltodano, que se tornou figura central

no movimento urbano clandestino e foi uma das três mulheres a atingir o posto de Comandante Guerrilheira após a revolução. Seu primeiro contato foi feito por Ricardo Morales Avilés e, em janeiro de 1973, logo após o terremoto, seu grupo de estudantes católicos ativistas integrou as fileiras da FSLN. Durante algum tempo, continuaram freqüentando a missa e desempenhando os mesmos papéis tradicionais no movimento cristão, seguindo instruções da FSLN. A FSLN era ilegal, Baltodano explicou mais tarde, "mas podíamos ir aos bairros, falar de política e ainda contar com a proteção do cristianismo". Baltodano manteve sua fé por mais algum tempo mas, assim como Luis Carrión e muitos outros jovens ativistas vindos do movimento estudantil cristão para integrar as fileiras da FSLN, terminou abandonando suas crenças religiosas.

Um ponto importante de contato entre a revolução sandinista e a Teologia da Libertação foi estabelecido pelos padres que se tornaram, um a um, colaboradores e, em alguns casos, membros e líderes da FSLN. O padre Uriel Molina, pároco dos bairros operários cada vez mais extensos do setor leste de Manágua, forneceu abrigo para os rebeldes clandestinos e rezou para que não houvesse conflitos entre o cristianismo e a revolução armada. Dois irmãos da proeminente família Cardenal, Fernando e Ernesto, ajudaram a defender e construir a FSLN, tanto antes como após a vitória de 1979. Fernando Cardenal, padre jesuíta, servia em um bairro pobre de Medelín, na Colômbia, no período após a conferência de 1968, que lançou a Teologia da Libertação na América Latina. Ele retornou à Nicarágua no início dos anos 1970 e tornou-se vice-presidente da Universidade Centro-americana. Destituído do cargo por ter apoiado uma greve de estudantes, continuou lecionando na Universidade de Manágua, pregando abertamente suas idéias revolucionárias para os estudantes. Após a vitória, Fernando Cardenal tornou-se o diretor nacional da campanha de alfabetização de 1980 e, a partir daí, um adorado líder da Juventude Sandinista, organização constituída por jovens com trinta ou quarenta anos a menos do que ele.

Ernesto Cardenal, padre e poeta, fundou uma comunidade religiosa e artística no final dos anos 1960 em Solentiname, um grupo de pequenas ilhas na Região Sul da Nicarágua, perto da cidade de Granada. As pinturas primitivistas dos campesinos de Solentiname tornaram-se famosas no mundo todo. Em 1977, após alguns jovens da paróquia de Cardenal terem-se envolvido nas atividades guerrilheiras da FSLN, a Guarda destruiu completamente a comunidade, queimando sua biblioteca, os ateliês de pintura, museu e casas. Ernesto Cardenal representou a FSLN no cenário internacional durante 1978 e início de 1979, na qualidade de membro do grupo de intelectuais e empresários sandinistas conhecido como "Los Doce" (Os Doze). Foi o primeiro ministro da Cultura do novo governo revolucionário, e se manteve nesse cargo durante a maior parte dos anos 1980.

ROMPENDO O SILÊNCIO

Dois anos após o desastre de 1972, um "terremoto" de outra natureza abalou a situação em Manágua. Em 27 de dezembro de 1974, um comando com quinze guerrilheiros da FSLN, incluindo três mulheres, invadiu uma festa na casa de um rico empresário somozista e ex-ministro da Agricultura, José María "Chema" Castillo. Entre os reféns estavam o cunhado do presidente e o ministro da Defesa; os agressores esperaram deliberadamente até que o embaixador dos Estados Unidos saísse, para não envolver aquele país diretamente. Nas negociações, lideradas pelo arcebispo Manuel Obando y Bravo, Somoza concordou com a maioria das exigências da FSLN: liberdade para mais de uma dúzia de prisioneiros sandinistas, alguns já estavam no cárcere havia sete anos; o pagamento do resgate no valor de um milhão de dólares, a transmissão de dois manifestos por rádio e televisão e passagens seguras para Cuba para os que haviam participado da invasão e libertado os prisioneiros.

A FSLN batizou o ataque bem-sucedido de dezembro de 1974 de "Rompendo o Silêncio", já que assinalou o reaparecimento público e dramático do movimento, após vários anos de relativo anonimato. O grupo guerrilheiro das montanhas

executou vários ataques bem-sucedidos à Guarda Nacional na esteira da invasão de 27 de dezembro, "rompendo o silêncio" lá também, após três anos em que só ocasionalmente tinha confrontado a Guarda.

Tal como aconteceu no terremoto de 1972, a resposta de Somoza ao ataque de 1974, e não o próprio acontecimento, gerou um novo ambiente político. O governo declarou imediatamente estado de sítio, e deflagrou uma onda repressora que resultou em cerca de três mil mortes. Os primeiros alvos foram os estudantes e os trabalhadores radicais e os ativistas católicos nas cidades, mas a maioria das vítimas eram campesinos suspeitos de ajudar os guerrilheiros. Brotaram novas organizações de protesto ligadas à FSLN. As mulheres sandinistas formaram um grupo chamado "Associação das Mulheres Enfrentando o Problema Nacional"; todos sabiam que o "problema nacional" era Somoza. A organização das mulheres realizou manifestações contra a violação dos direitos humanos, priorizando declaradamente o abuso das mulheres do campo pelos homens da Guarda, e das prisioneiras nas celas de Somoza. Os ativistas cristãos da Tendência Proletária desempenharam um papel predominante na formação de uma nova e dinâmica organização do trabalho rural, a "Associação dos Trabalhadores Rurais".

Nem Somoza García nem seus filhos tinham governado exclusivamente à base da violência. Na maior parte do tempo, conseguiram convencer parcelas significativas da população de que tinham o direito de governar, recorrendo a uma combinação de partilha do poder com outros setores, uma política econômica que beneficiava a burguesia como um todo, um apelo populista para os trabalhadores. A repressão de 1975 e 1976 enfraqueceu seriamente a idéia de que Somoza teria o direito moral de governar a Nicarágua, ou de que poderia continuar a fazê-lo com alguma estabilidade. A crise foi relativamente aliviada por uma recuperação econômica, nesse mesmo período, produzida pela elevação nos preços das exportações da Nicarágua no mercado internacional.

Embora o ataque de dezembro de 1974 tivesse lançado a FSLN no centro da política nicaragüense, pelo menos por algum tempo ele não havia sido endossado por todos os membros da organização. A Tendência Proletária criticou o "voluntarismo" das outras duas tendências, cujos quadros tinham executado o ataque, considerando que a ação só havia dado ao regime de Somoza a desculpa perfeita para incrementar ainda mais a repressão. As divisões internas mais acentuadas, embora ainda restritas aos líderes e desconhecidas da maioria dos jovens atraídos para a FSLN, começavam a ameaçar a capacidade funcional da organização. Em 1975, quando os líderes centrais dos proletários foram expulsos, por iniciativa de Tomás Borge da tendência da Guerra Popular Prolongada, a FSLN perdeu o cabeça do movimento clandestino de Manágua, Roberto Huembes e Luis Carrión, um dos mais eficientes arregimentadores de jovens e estudantes. Os proletários expulsos continuaram envolvidos na luta e tentaram construir a FSLN, assim como sua própria tendência, mas não foram capazes de funcionar como parte de uma liderança coordenada até 1979, quando as tendências se reunificaram.

Retorno de Carlos Fonseca

Em algum momento de 1975, e contrariando os conselhos de alguns líderes ainda no país, Carlos Fonseca decidiu voltar à Nicarágua. Seu objetivo era tentar unir as três tendências em torno de uma operação guerrilheira renovada que ele lideraria.

Uma das lições que Fonseca tirou de seu estudo da revolução cubana foi a importância de uma liderança guerrilheira unida, instalada nas montanhas e com apoio nas cidades, capaz de desafiar militarmente o exército da ditadura. Mas seu ideal da guerra rural de guerrilhas não era exatamente o mesmo que animava as tendências Guerra Popular Prolongada e a Insurrecional que, em 1975, mantinham grupos guerrilheiros separados mas colaboradores, nas montanhas ao norte. Fonseca propunha estender a guerra de guerrilhas, das montanhas

distantes, para atingir as "áreas rurais de certas localidades urbanas", e dizia que o foco excessivo nas montanhas deixava de lado as áreas em que justamente vivia a maioria dos nicaragüenses. Já em 1973, ele criticara seriamente as guerrilhas da GPP por se enterrar na mata e esperar até estar fortalecidas para se apoderar da Guarda Nacional. Em 1975, Fonseca sugeriu que se convidassem jornalistas ou personalidades de destaque para entrevistar os guerrilheiros em seu quartel-general nas montanhas, como os cubanos fizeram em Sierra Maestra, com as equipes de filmagem da CBS e o repórter do *New York Times*, Herbert Matthews: "Também podemos considerar a possibilidade de realizar algumas reuniões nacionais de tipo político, econômico, cultural e associativo, que não é de nosso interesse ocultar mas, sim, dar a conhecer a toda a opinião pública".

Os terceiristas não hesitavam em tomar uma iniciativa militar, na realidade alguns ataques audaciosos logo se tornariam sua marca registrada. Fonseca criticava-os por dependerem tanto dos ataques militares sem a realização do necessário trabalho político que garantiria que as ações seriam compreendidas e apoiadas por camadas mais amplas da população. Como já alertara em 1972, "trata-se de evitar que a guerra revolucionária se converta na ação de um número ínfimo de indivíduos totalmente desvinculados do povo".

Quando Carlos Fonseca entrou nas montanhas no início de 1976, era grave a situação dos guerrilheiros da FSLN. De acordo com o líder da unidade a que Fonseca aderiu, "tudo o que podíamos fazer era fugir e fugir, e assim eles matavam muitos de nós". Um guerrilheiro, chamado Roberto Chamorro, que vinha de uma das famílias mais ricas do país, desertou e revelou para a Guarda tudo o que sabia; pouco depois, uma combatente sandinista foi morta em uma ofensiva da Guarda: era Claudia Chamorro, irmã de Roberto.

No fim da primavera e início do verão de 1976, a Guarda deslocou-se para leste, saindo da província de Matagalpa em uma operação pente-fino, seguindo aproximadamente a mesma rota que Fonseca havia trilhado, em companhia de um pe-

queno grupo, em março. Essa ofensiva contra-revolucionária, chamada *Aguila Sexta*, envolvia tropas de outros países centro-americanos e tinha o apoio de consultores do exército norte-americano. Outros seiscentos soldados foram levados até a área, com apoio de helicópteros que os ajudavam a cercar rapidamente os locais em que os rebeldes eram avistados.

Em 7 de novembro de 1976, Carlos Fonseca e dois companheiros adolescentes caíram em uma emboscada da Guarda Nacional, nas montanhas próximas a Zinica, e ele foi morto na manhã seguinte. O governo Somoza acreditou então ter desfechado um golpe letal contra a FSLN. De acordo com Henry Ruiz, o ano de 1977 foi o mais difícil da história da FSLN. No fim desse ano, o "exército" guerrilheiro inteiro estava reduzido a onze combatentes. Mas os acontecimentos políticos nas cidades já estavam começando a se voltar contra a ditadura de Somoza, que logo mergulharia em uma grande crise e seria destituído, menos de dois anos depois.

4. A vitória de julho de 1979

Ao longo do período 1976-1977, a Guarda Nacional conseguiu manter as forças guerrilheiras em fuga e isoladas nas montanhas. Nas cidades, entretanto, a oposição recuperou-se da insidiosa mas seletiva repressão subseqüente ao ataque de dezembro de 1974. O ano de 1977 representou o ponto baixo da guerrilha rural, mas, em contrapartida, assistiu ao aumento das manifestações dos estudantes e da ocupação de prédios nas cidades, assim como a algumas greves operárias. Começaram a ser vistas pichações pró-FSLN nas paredes das ruas das cidades e as três tendências recrutaram novos jovens para seus quadros.

A abertura aumentou após setembro de 1977, quando o presidente Anastasio Somoza suspendeu o estado de sítio imposto no final de 1974. Brotaram novas organizações de protesto, em geral associadas à FSLN. A organização do movimento pelos direitos humanos das mulheres, conduzida pelos sandinistas, realizou manifestações contra a violação dos direitos humanos, dando ênfase especial aos abusos cometidos pela Guarda Nacional contra as campesinas e aos maus-tratos sofridos pelas prisioneiras nas celas de Somoza. Ativistas da Tendência Proletária desempenharam um papel de destaque em uma nova e dinâmica organização do trabalho agrícola, a Associação dos Trabalhadores do Campo.

A ofensiva contra-revolucionária maciça, que se estendeu de 1976 a 1977, lançou bombas e napalm em assentamentos, queimou lavouras e residências, foi responsável por desaparecimentos, estupros e prisões em campos de concentração. Quando a notícia das atrocidades alcançou as cidades, criou-se um estado nacional de indignação, especialmente nas classes mais baixas, tradicionalmente o alvo principais da repressão, mas

também nos nicaragüenses de classe média. A brutalidade da Guarda Nacional foi especialmente marcada no caso das campesinas da região montanhosa de El Cuá, mais tarde imortalizadas em poesias e em uma balada popular. Suspeitas de acobertar guerrilheiros, as mulheres foram encarceradas, estupradas e obrigadas a assistir seus maridos serem torturados e mortos.

A indignação moral contra a violência da Guarda Nacional gerou não só novos militantes como também mais contatos para a FSLN e, ainda, um expressivo aumento nas atividades anti-somozistas por parte dos partidos tradicionais da oposição e do jornal *La Prensa*. Os problemas econômicos que atingiram a oposição burguesa após o terremoto de 1972 haviam sido relativamente minimizados por uma significativa recuperação da economia em 1975, com base em parte na ajuda para a reconstrução da cidade, mas sobretudo por causa dos melhores preços obtidos pelos produtos nicaragüenses exportados. Os salários da indústria e da agricultura, no entanto, continuaram baixos, o que beneficiava todos os setores do capital, não só a família Somoza. Nos anos 1960, os salários reais nas cidades não subiram (uma década próspera para a classe média e os ricos) e caíram quase 15% entre 1970 e 1975. Os duzentos mil catadores de algodão ganhavam cerca de um dólar ao dia, e isso somente durante os quatro meses da colheita.

A vida das mulheres no campo era especialmente árdua, como na época dos predecessores de Somoza. Ainda na década de 1980, não era incomum encontrar campesinas com menos de trinta anos com aparência de quarenta ou cinqüenta, por causa da falta de dentes e de face enrugada, após longos anos carregando água sob o sol e arando o solo, e às gestações precoces, ainda na adolescência. Era comum mulheres e filhos de lavradores serem abandonados pelos homens que deixavam o trabalho nas plantações de algodão ou açúcar, para trabalhar na cidade e nunca mais voltavam. Às vezes, os pais apareciam anos depois, para reivindicar os filhos e levá-los consigo, quando já estavam em idade de trabalhar.

As facções somozista e contra-somozista da classe dominante da Nicarágua cerraram fileiras, em 1975, porque todos os setores da capital estavam prosperando naquela fase de recuperação econômica, e porque a reação dos partidos de oposição ao ataque sandinista, em dezembro de 1974, foi quase tão hostil quanto a do próprio governo Somoza. Mas a campanha de terror desencadeada contra os habitantes do interior do país revoltou muitos nicaragüenses da classe média que não sofriam diretamente nem dificuldades econômicas, nem os ataques violentos da Guarda, o que novamente enfraqueceu a idéia de que Somoza poderia continuar governando com um mínino de estabilidade.

A distância entre as tendências aumenta

O crescimento e a eficiência da FSLN sofriam com a persistência e também com o recrudescimento de uma divisão interna em tendências. Durante dois anos após a morte de Carlos Fonseca, os líderes das três tendências não se reuniram para discutir suas diferenças. A tendência GPP e a Insurrecional tinham cada uma seu próprio pequeno grupo guerrilheiro. A GPP e a Tendência Proletária tinham seus próprios estudantes afiliados, sua própria rede de ativistas cristãos, suas próprias alianças entre os lavradores e campesinos. Ambas as tendências contavam com grupos separados de simpatizantes fora do ambiente rural, em cidades como São Francisco, nos Estados Unidos, a capital do México, em Havana e em San José, na Costa Rica.

Quando os comandos terceiristas atacaram três quartéis-generais da Guarda Nacional em meados de outubro de 1977, as outras duas tendências condenaram as ações. Os proletários acusaram as ações de "aventuras golpistas ... [que] se inscrevem na mais pura tradição das quarteladas burguesas".

A Tendência Insurrecional geralmente é interpretada como a mais abrangente na FSLN, no período seguinte à morte de Fonseca, embora parecesse contar com menos campesinos e simpatizantes ativos na Nicarágua do que as outras duas tendências. Os terceiristas tinham clara maioria no Diretório Na-

cional. Com a morte de Carlos Fonseca e de vários outros membros da liderança, e o isolamento de Henry Ruiz, o Diretório Nacional em funcionamento depois de 1976 era composto por Humberto Ortega, Daniel Ortega e Victor Tirado. As políticas traçadas em nome do "Diretório Nacional da FSLN", em 1977 e 1978, representavam as opiniões dos três líderes terceiristas. Sua abordagem estratégica consistia em concentrar a FSLN em campanhas militares, deixando aos partidos burgueses tradicionais a tarefa de desafiar Somoza na arena política. Essa espécie de divisão do trabalho era alheia à proposta de Carlos Fonseca de uma "revolução sandinista popular", com trabalhadores e camponeses mobilizados, liderados pela FSLN. Como já alertara em 1969, apenas o apoio direto das "massas populares" à FSLN seria capaz de "impedir que a força capitalista da oposição, de comprovada submissão ao imperialismo ianque, se aproveite da situação que desencadeia a luta guerrilheira, e se apodere do controle do poder".

Dois documentos produzidos pela "Direção Nacional" terceirista revelam uma abordagem ideológica e estratégica bastante diferente do sandinismo revolucionário de Carlos Fonseca. O primeiro foi a sua *Plataforma geral*, divulgado em 1977, que vinha para substituir o foco concentrado de Fonseca na mobilização de trabalhadores e campesinos sob a liderança da FSLN, e seria uma convocação geral de todas as classes, raças, religiões, profissões e gêneros, para, unidos, retirarem Somoza do poder.

Em 1978, a Direção Nacional terceirista publicou sua própria versão revista do "Programa Histórico". Embora ostentasse o título "Programa Sandinista" e usasse em parte a mesma retórica da versão de 1969, de Fonseca, abandonava o termo "revolucionário" de sua convocação para adotar o título "Governo Democrático e Popular", prometendo apenas nacionalizar as propriedades que estivessem em mãos da família Somoza e propondo uma reforma agrária vaga e limitada. O programa de 1969 exigia a abolição imediata da Guarda Nacional e a formação de um "Exército Revolucionário, Patriótico e

Popular", e de milícias populares; o programa terceirista defendia somente a formação de um novo exército que viria a incluir alguns elementos da Guarda Nacional. O "Programa Histórico" comprometia-se em ser solidário com os povos do Terceiro Mundo lutando contra o imperialismo norte-americano, apoiava a exigência da retirada das bases militares dos Estados Unidos espalhadas pelo mundo, e colocava-se ao lado dos negros americanos em sua luta contra o racismo. A versão de 1978 não mencionava o imperialismo e afirmava apenas que, após a revolução, a Nicarágua "manterá relações com todos os países do mundo". O chavão dos terceiristas sobre o desenvolvimento da costa atlântica ignorava a referência do "Programa Histórico" à "odiosa discriminação" sofrida pelos índios miskito, sumo e pelos negros.

Os documentos terceiristas são um exemplo da idéia amplamente defendida de que a revolução nicaragüense foi uma revolução de todas as classes, em que o papel da liderança, se é que existiu, foi desempenhado pela burguesia anti-somozista. Mas são muito diferentes da ideologia da FSLN, durante praticamente toda a sua existência, até 1979, e das estratégias e políticas implementadas de modo efetivo durante a insurreição de 1978-1979. Nem a *Plataforma geral* terceirista, nem seu "Programa Sandinista" de 1978 chegaram sequer a circular na Nicarágua, nem antes nem depois da vitória de 1979.

1978 – O começo da crise final

O ritmo dos acontecimentos acelerou-se rapidamente em 1978, em conseqüência das ações repressivas de Somoza, às iniciativas da FSLN, e em decorrência também das ações populares de certa forma espontâneas. Em 10 de janeiro de 1978, o editor do *La Prensa*, Pedro Joaquín Chamorro, foi assassinado a caminho do trabalho. Chamorro era o oposicionista mais famoso do país e fora um destacado líder do Partido Conservador por mais de trinta anos. Nenhuma outra figura da burguesia nicaragüense tinha a mesma autoridade moral, nem uma história pessoal semelhante de resistência à repressão de Somo-

za. Todos endossaram a hipótese de que o próprio Somoza havia ordenado o assassinato.

Demonstrações de protesto varreram o país após a morte de Chamorro e, no dia 23 de janeiro, grupos de empresários da oposição convocaram uma greve nacional de protesto, para durar até "Somoza renunciar". Apesar de os líderes empresários terem encerrado a greve menos de duas semanas depois, ações de rua, militantes e protestos mantiveram-se ativos nas grandes e nas pequenas cidades em toda a Região Oeste da Nicarágua. Começaram a tomar forma novas abordagens de luta popular, que se generalizaram no decorrer do ano seguinte e terminaram por simbolizar a insurreição nicaragüense: fogueiras armadas nas ruas com pneus velhos e lixo, coquetéis Molotov e bombas de contato de confecção caseira, barricadas de paralelepípedos para proteger os bairros do avanço dos tanques da Guarda Nacional. Centenas e depois milhares de paredes começaram a exibir *slogans* revolucionários, assinados às vezes pela "FSLN-GPP", ou pela "FSLN-TP". Um vigoroso padrão de auto-organização por parte das massas populares marcou todo aquele período entre o assassinato de Chamorro em janeiro de 1978 e a vitória revolucionária, dezoito meses depois. Esse padrão manifestou-se, por exemplo, na formação de comitês de defesa civil nos bairros operários, para organizar apoio logístico e proteção aos que combatiam a Guarda.

Em fevereiro de 1978, um levante anti-Somoza eclodiu na comunidade indígena de Monimbó, localizada na cidade de Masaya, a apenas 32 quilômetros de Manágua. Em abril, uma greve dos estudantes fechou tanto as universidades como quase todos as escolas da rede pública e privada do país. O grupo pró-FSLN, Os Doze, composto por intelectuais e empresários de destaque, percorreu diversas cidades em julho, sempre recebendo calorosa acolhida de multidões entusiasmadas. Foi formada uma nova coalizão de organizações sandinistas populares, chamada Movimento Povo Unido.

Em 22 de agosto de 1978, cerca de vinte guerrilheiros da FSLN, disfarçados de policiais da Guarda Nacional, dominaram

o Palácio Nacional em Manágua, mantendo como reféns 3.500 políticos e empresários até que Somoza concordasse em liberar os 59 membros da FSLN ainda na prisão. Essa audaciosa e bem-sucedida missão chamou a atenção da mídia e do público, e a vice-comandante da operação se tornou imediatamente uma figura legendária: "Dora María Téllez / de 22 anos / miúda e pálida / de botas, boina negra / o uniforme da Guarda / muito folgado... Dora María / a moça aguerrida / que fez tremer de fúria / o coração do tirano". Dezenas de milhares de residentes saíram às ruas para aplaudir os guerrilheiros da FSLN e libertar os prisioneiros, que passaram de ônibus pelos bairros dos trabalhadores a caminho do aeroporto, onde um avião os esperava para levá-los a Cuba. A cobertura dos acontecimentos pela televisão, ao som da trilha sonora das palavras de ordem entoadas por todos os nicaragüenses – "Abaixo Somoza!" e "Somoza pro paredão!" –, teve um imenso impacto tanto na Nicarágua quanto no restante do mundo.

Uma revolução quase espontânea irrompeu em Matagalpa, no final de agosto. Cerca de quinhentos secundaristas, apoiados por cidadãos mais velhos, combateram a Guarda Nacional durante cinco dias, antes de ter sua rebelião selvagemente contida por tropas presidenciais reforçadas por um bombardeio aéreo. Os insurgentes usavam bandanas vermelhas e pretas e entoavam slogans sandinistas, embora não houvesse um único integrante da FSLN no início do levante.

Durante a segunda semana de setembro de 1978, os guerrilheiros da FSLN organizaram rebeliões em uma série de cidades ao norte e ao sul da capital, incluindo Masaya, Chinandega, Diriamba, León, Jinotepe e Estelí. A Tendência Insurrecional iniciou as ações de setembro, que chamou de a "ofensiva final" contra Somoza. Jovens associados às três tendências lutaram e morreram nesses combates, mas a maioria dos participantes nos confrontos de rua não estava afiliada a nenhuma tendência. Somoza reagiu com mais bombardeios aéreos e ataques da artilharia, matando aproximadamente cinco mil pessoas.

Por volta do final de 1978, dezenas de milhares de jovens nicaragüenses, secundaristas que se rebelaram em Matagalpa em agosto, consideravam a FSLN a *sua* organização, embora não fossem membros inscritos. Nessas condições, tanto a oposição burguesa como o governo dos Estados Unidos começaram a se preocupar com a possibilidade de os moderados serem eliminados, o que tornaria difícil manter a FSLN fora do governo após a eventual deposição de Somoza.

Em outubro, o presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, organizou um comitê mediador com integrantes da Organização dos Estados Americanos (OEA), representantes dos Estados Unidos, da Guatemala e da República Dominicana, para tentar conter o clima excessivamente favorável à FSLN. A comissão da OEA realizou diversas reuniões na Nicarágua e obteve o apoio da coalizão burguesa da oposição para enviar uma proposta a Somoza a fim de que ele nomeasse um novo presidente para sucedê-lo, mantendo intacta a Guarda Nacional e dividindo o Poder Legislativo entre os partidos tradicionais da oposição e o partido político de Somoza. O plano não previa papel algum para a FSLN. Em sinal de protesto, Os Doze, que eram a face pública dos terceiristas, retiraram-se da coalizão moderada da oposição e uniram-se às outras duas tendências da FSLN, no Movimento Povo Unido. Por insistência do governo norte-americano, o líder empresário Alfonso Robelo tentou estabelecer negociações diretas com Somoza após o fracasso da mediação da OEA, o que só serviu para desacreditar ainda mais a oposição burguesa.

Uma profunda crise social e econômica, especialmente grave nas cidades, acompanhou a crise política de 1978 e 1979. O nível de desemprego atingiu picos inéditos, os salários despencaram, os impostos aumentaram. Em 1978, 60% da população nicaragüense tinha menos de vinte anos. Nas favelas urbanas de rápido crescimento em Manágua, jovens de ambos os sexos, enfrentando as reduzidas perspectivas de estudo ou trabalho, tornaram-se uma sólida base de apoio para a revolução. As condições de vida nos bairros pobres das cidades eram

extremamente precárias e os programas sociais, mínimos, antes mesmo de Somoza atacar os bairros operários com seus tanques e aviões. Em 1977, apenas 16% da população tinha água encanada em casa, e havia menos de cem escolas de ensino fundamental em todo o país. Apenas treze escolas de toda a rede permaneceram intactas, para não falar das crianças que estavam lá dentro, outras foram atingidas ou destruídas pelas bombas da Guarda e pelos tiroteios, no último ano do governo Somoza.

1979 – A Guerra Civil Revolucionária

A violência da Guarda Nacional contra os suspeitos rebeldes e contra os jovens em geral aumentou no início de 1979. A polícia abriu fogo contra uma passeata de dez mil pessoas, no primeiro aniversário da morte de Pedro Joaquín Chamorro, assassinado em 10 de janeiro de 1978. Esquadrões da morte direitistas, como a "Mão Branca", visavam sobretudo operários sindicalizados e ativistas católicos. Assim como em El Salvador e na Guatemala, os esquadrões da morte na Nicarágua trabalhavam em estreita colaboração com a Guarda Nacional e revestiam seus atos terroristas de uma retórica racial e anticomunista. Os corpos dos jovens detidos pela polícia eram encontrados com sinais de espancamento nas margens de estradas ou em terrenos baldios particulares, ainda com olhos vendados e com os polegares amarrados às costas. Em abril, o Exército retirou quarenta pacientes e médicos de um hospital em Estelí e os massacrou. Em junho, o assassinato a sangue-frio de um popular repórter da televisão norte-americana, William Stewart, foi gravado em filme e horrorizou telespectadores no mundo inteiro.

A violência somozista foi contraposta pela intensificação das atividades revolucionárias. Tanto vilarejos como cidades grandes assistiram a um acentuado crescimento de várias formas de protesto: greves de estudantes e trabalhadores, ocupação de terras, passeatas religiosas e funerais que se transformavam em demonstrações populares, tomada de edifícios e

ataques aos acampamentos da Guarda Nacional. Confrontos armados entre os guerrilheiros da FSLN e unidades da Guarda Nacional eclodiram na zona rural. Comitês de defesa civil, vistos primeiro em Estelí, difundiram-se rapidamente para outras localidades. Em San Antonio, na maior usina de açúcar da Nicarágua, os trabalhadores expulsaram o destacamento da Guarda Nacional posicionado na plantação, transformaram a casa de máquinas em fábrica de munição para a FSLN e enviaram alguns voluntários para se unir aos guerrilheiros no Fronte Ocidental.

Nos primeiros meses de 1979, a FSLN crescia significativamente em termos de adesão de novos membros, e de forma exponencial em termos de influência. Isso foi uma pressão decisiva para que as três tendências se unificassem. Os jovens homens e mulheres associados às diferentes tendências uniram-se em uma ação conjunta de rebeliões urbanas, respondendo como um só corpo à situação política, em acelerado processo de mudança. O número cada vez maior de nicaragüenses identificados com a FSLN começou, na prática, a simplesmente ignorar sua divisão em tendências, algo que nunca haviam antes compreendido ou aprovado.

Em 7 de março de 1979, as três tendências da FSLN anunciaram sua unificação e o estabelecimento de um Diretório Nacional conjunto, composto por três homens de cada tendência, todos com o título de *Comandante da Revolução*. Esse Diretório Nacional continuaria exatamente o mesmo durante toda uma década: Daniel Ortega, Humberto Ortega e Victor Tirado, dos terceiristas; Tomás Borge, Bayardo Arce e Henry Ruiz, do grupo da Guerra Popular Prolongada; Jaime Wheelock, Luis Carrión e Carlos Nuñez, dos Proletários. Vinte e sete combatentes foram elevados à categoria de *Comandante Guerrilheiro*, sendo nove escolhidos em cada tendência. Havia somente três mulheres: Dora María Téllez, Leticia Herrera e Mónica Baltodano.

A tão aguardada reunificação da FSLN inaugurou o período final da insurreição. No início de abril de 1979, uma rebelião geral em Estelí cedeu, por dez dias, o controle da cidade para os rebeldes. Em meados de abril, assistiam-se a embates diários entre os integrantes da Guarda e os jovens de bandana vermelha e preta, em cidades de todo o país, incluindo, pela primeira vez, a construção de barricadas nos bairros operários de Manágua. Fora das cidades, cinco frentes guerrilheiras de várias dimensões agiam sob o comando conjunto da recém-reunida FSLN. A Frente Sul, comandada por Humberto Ortega baseado em um acampamento na Costa Rica, era de longe a maior, e praticava o tipo de ataque mais convencional. Com setecentos soldados e dez veículos blindados, era provavelmente do mesmo tamanho que as outras quatro frentes somadas. O esquema que os exércitos guerrilheiros pensavam implantar nas cidades para "libertá-las" não se assemelhava em nada com o que realmente aconteceu na Nicarágua, em 1979. Em grande medida, as cidades libertaram-se por si sós, embora a Frente Ocidental, comandada por Dora María Téllez, aplicando a tática de guerrilhas em vez de uma estratégia bélica mais convencional, tivesse desempenhado um papel importante na remoção da Guarda Nacional de León. Na época em que a Brigada Pablo Ubeda enfim conquistou as cidades mineiras de Siuna e Bonanza e a cidade costeira de Puerto Cabezas, a Guarda Nacional já havia desistido.

A ofensiva final

O Diretório Nacional unificado convocou uma greve geral de caráter insurrecional para o dia 4 de junho, para perdurar até Somoza cair. Alguns dias depois, estourou uma rebelião generalizada na cidade de Manágua. Em meados de junho, a Guarda Nacional havia abandonado León e Matagalpa, respectivamente a segunda e terceira maiores cidades do país, assim como uma meia dúzia de cidades menores. No fim daquele mês, a FSLN já controlava mais de vinte cidades de médio e grande porte ao longo da zona do Pacífico, tendo instituído governos locais e sistemas de distribuição de alimento em algumas delas.

As insurreições urbanas eram declaradamente oriundas da classe operária. Um levantamento sobre cerca de seis mil combatentes sandinistas mortos na insurreição mostrou que 54% eram trabalhadores de vários tipos, e outros 29%, estudantes secundaristas e universitários, muitos procedentes de famílias de trabalhadores. Mais da metade deles eram filhos de pais não casados, o que na Nicarágua significa famílias pobres, não pertencentes à burguesia. Três quartos dos combatentes estudados nesse levantamento tinham entre quinze e 24 anos quando foram mortos, e 93% eram homens. Menos de 5% deles foram identificados como campesinos. A grande maioria dos seis mil mártires sandinistas não era membros da FSLN que, mesmo conhecendo um rápido crescimento em 1978 e 1979, ainda tinha menos de dois mil filiados à época de sua vitória.

A maior parte das lutas urbanas ocorreu em bairros pobres e de operários, outro indício da dinâmica classista da insurreição. A Frente Interna da FSLN, depois de traçar planos logísticos detalhados para a ofensiva final, tanto nos bairros a leste como a oeste de Manágua, decidiu concentrar-se a leste, numa região composta por uma cadeia ininterrupta de bairros populares, porque "as condições políticas ali eram mais favoráveis". Os bairros da parte leste reagiram prontamente à convocação de 8 de junho para a greve geral insurrecional na capital. Em poucos dias, "nem uma só loja se abriu, nem uma única agência bancária ou escritório. Não havia postos de gasolina funcionando, meios de transporte público, ônibus para fora da cidade. Supermercados e mercearias permaneceram fechados. Tudo fechou. Não funcionou nada... absolutamente nada".

Os bombardeios e ataques de Somoza com foguetes miravam sempre os bairros mais pobres. As fábricas destruídas por bombardeios aéreos eram alvos em virtude de sua localização no meio dos bairros operários, não porque seus proprietários fossem oposicionistas ricos. Algumas delas pertenciam a Somoza. Em algumas cidades e vilas menores, os bairros não eram claramente definidos, mas em Manágua comunidades operárias inteiras foram destruídas, enquanto as áreas da classe

média permaneceram intactas. Somoza ordenou que sua Força Aérea "atacasse tudo o que estivesse em movimento", no lado leste de Manágua, recorrendo a bombas, foguetes e até mesmo tambores de gasolina atirados dos aviões. No final de junho, contando mais de duas semanas de ataques de retaliação contra Manágua, a Frente Interna da FSLN liderou uma retirada organizada de seis mil pessoas da capital, encaminhando-as para Masaya, uma cidade a 32 quilômetros de distância.

As dezenas de milhares de participantes que integraram as rebeliões urbanas de 1979 e as centenas de milhares que as queriam ver vitoriosas tinham motivos diferentes para se envolver e ainda noções vagas sobre o que lhes traria a revolução. A maioria queria simplesmente que a repressão parasse, e a Frente era a única organização capaz de dar fim ao governo de Somoza, "a Besta". Muitos também combatiam em defesa de exigências de classe: terra, estabilidade no emprego, moradias decentes, atendimento à saúde, o fim do abuso dos empregados pelos patrões e donos de terra. Para outros, o mais importante era o direito de a Nicarágua governar seu próprio país, sem a interferência dos Estados Unidos. Outros foram mobilizados por algum evento particular ocorrido em sua cidade ou bairro, como a matança de pacientes e médicos do hospital de Estelí pela Guarda Nacional, ou os ataques às escolas e aos serviços religiosos. Muitas mulheres se tornaram inicialmente parte do apoio sandinista de bairro por motivos familiares, a fim de proteger os filhos ou amigos deles. Na costa atlântica e nos bairros indígenas, como Subtiava e Monimbó, a motivação para apoiar a revolução vinha do desejo de uma maior autonomia e pelo fim da discriminação racial. Embora a maioria dos simpatizantes nunca tivesse lido o "Programa Histórico" de Carlos Fonseca, todos lutavam por conteúdos enunciados no documento de 1969, e o sucesso da FSLN se deveu ao fato de terem reunido todas essas lutas diferentes num só movimento unificado que se tornaria, cada vez mais, uma séria ameaça à ditadura.

Embora a FSLN fosse apanhada de surpresa por algumas das explosões urbanas de 1978, na primavera de 1979 os qua-

dros da FSLN estavam liderando a atividade diária da revolução, distribuindo o limitado número de armas disponíveis, treinando membros da milícia, organizando o apoio da comunidade, a distribuição de alimentos e o atendimento dos feridos, decidindo quanto e onde atacar, quando recuar, e em franco processo de recrutamento e treinamento de novos líderes.

Nessas circunstâncias, segmentos significativos da oposição burguesa não viam alternativa à negociação com a FSLN e terminaram concedendo-lhe um papel no governo pós-Somoza. Em 16 de junho, a FSLN anunciou em San José, na Costa Rica, a formação de um governo revolucionário provisório, composto por três membros da FSLN (Daniel Ortega, Moisés Hassán do Movimento Povo Unido (MPU), e Sergio Ramírez, um d'Os Doze), o industrial milionário Alfonso Robelo, e Violeta Chamorro, viúva de Pedro Joaquín Chamorro. Os líderes da FSLN em San José – a maioria terceiristas, mas apoiados pelo Diretório Nacional unificado – também concordaram em promover eleições após a partida de Somoza, para constituir um novo legislativo em que os partidos da burguesia teriam garantido um papel no controle do governo. A junta de cinco pessoas tornou-se o governo da Nicarágua após a derrubada de Somoza, mas o poder político ficou com a FSLN, especialmente com os nove homens do Diretório Nacional. O projeto de uma legislatura pós-Somoza não foi concretizado senão em maio de 1980, quando a administração nacional foi dominada pela FSLN e por uma coleção de organizações pró-FSLN, criadas durante a insurreição, representando os trabalhadores, as mulheres, os jovens, os campesinos e os ativistas comunitários.

O governo dos Estados Unidos continuou até o fim tentando impedir que a FSLN ocupasse o poder. Com Jimmy Carter, o governo americano cortou efetivamente novas levas de ajuda militar a Somoza, em seu último ano de mandato, mas as armas e equipamentos já em processo de envio chegaram a ele em 1979 e, até o fim, continuou havendo ajuda militar por parte de Israel. A proposta de Washington no final de junho de enviar uma "força de paz" à Nicarágua era claramente destina-

da a desarmar a FSLN, só o representante de Somoza na OEA votou a favor da moção. Em 8 de julho de 1979, com toda a zona do Pacífico em estado de guerra, o jornal *Washington Post* publicou uma entrevista com Somoza que causou furor na Nicarágua. Somoza declarou ao jornal que já tinha se prontificado a renunciar, mas que o governo dos Estados Unidos estaria retardando sua saída até que uma nova estrutura de comando para a Guarda Nacional pudesse ser instaurada. Naquela mesma semana, a Cruz Vermelha divulgou um relatório denunciando que cinqüenta mil civis, dos quais nove mil apenas em Manágua, tinham sido mortos pelas forças do governo durante a guerra.

Em 16 de julho, Somoza nomeou um deputado liberal para sucedê-lo na presidência e indicou o novo comandante da Guarda Nacional. Pouco depois da meia-noite, em 17 de julho, Somoza fugiu para Miami, seguido no dia seguinte pelo novo "presidente" e o novo comandante da Guarda Nacional. Em 18 de julho, três membros do governo revolucionário voaram até León, declarada capital provisória da Nicarágua. A Guarda Nacional se desintegrou. Um oficial da guarda de trânsito ficou incumbido da tarefa de se render em nome da Guarda Nacional, o que ele inicialmente se recusou a fazer porque o comandante da FSLN a quem se renderia era uma mulher.

Em 19 de julho de 1979, colunas de guerrilheiros entraram em Manágua. No dia seguinte, 250 mil pessoas se reuniram na recém-rebatizada Praça da Revolução para saudar o novo governo. Agitando bandeiras vermelhas e pretas e, em muitos casos, portando armas, a multidão de jovens recebeu calorosamente os líderes da FSLN, quando estes anunciaram a dissolução da Guarda Nacional e o confisco de toda a fortuna de Somoza, prometendo implantar uma reforma agrária legítima. Referindo-se aos dois navios de guerra dos Estados Unidos ao largo da costa do país, o líder sandinista Tomás Borge disse que "o povo de Sandino empunhará novamente as armas e combaterá", caso houvesse alguma tentativa imperialista de derrubar a revolução.